

Archeologia de Trás-os-Montes (Villa Real)

1. Vasos de Parada de Cunhos

Ha meses, numa propriedade do empregado da administração do concelho de Villa Real, Manoel José Botelho, encontraram os trabalhadores, occupados em abrir covas para a plantação de bacellos, umas pedras de pequenas dimensões, de cantaria, que formavam um recinto quasi quadrado de pequenas dimensões, 0^m,6 a 0^m,8 de comprimento e de largura, e pouco mais ou menos outro tanto de altura, e dentro d'elle dois vasos de argilla.



Fig. 1.ª



Fig. 2.ª

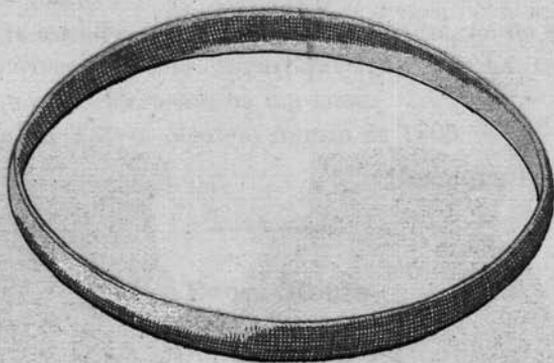
Um d'elles (fig. 1.ª), é de argilla acinzentada, de pasta homogenea e fina, sem vidrado, nem ornamentação, mais bojudo, foi maltratado pelas enxadas dos jornaleiros, e apresenta uma grande fractura.

O outro (fig. 2.ª) de argilla vermelha, de pasta tambem homogenea e fina, sem vidrado, nem ornamentação de especie alguma, muito bem conservado, apenas com algumas pequenas quebraduras no rebordo da boca de data não recente.

Offereci-os ambos ao Museu Ethnologico Português.

As pedras, pedi que fossem conservadas, e principalmente uma d'ellas em que ha quatro sulcos, bem visiveis, que formam dous angulos agudos representativos de dois VV.

A grande quantidade de pedaços de tijolos vermelhos, evidentemente romanos, a fôrma e estrutura dos vasos, e o apparecimento do capitel de uma columna, ha annos, não deixam a menor dúvida de que os vasos são effectivamente romanos.



PULSEIRA COMPRADA EM UM OURIVES DE TRÁS-OS-MONTES

(Tamanho natural)

2. Xorca de ouro de Vinhós

Nas proximidades da povoação de Vinhós (Douro), andando uns rapazes a apascentar ovelhas, encontraram uma manilha de ouro, quasi circular, com a face externa convexa, e curva a interna, lisa, sem lavores de especie alguma, tendo de peso 17^g,090.

Está perfeitamente conservada e foi-me cedida para o Museu Ethnologico, com o maior desinteresse, pelos Srs. Teixeira, ourives e relojoeiros d'esta villa.

Como esta manilha, com pequenas differenças, foram vendidas em Chaves ao ourives do Porto, Miguel Taveira da Rocha, tres, que elle fundiu no seu estabelecimento ha um anno.

Villa Real de Trás-os-Montes, Agosto de 1905.

HENRIQUE BOTELHO,

Evora-Monte

I

A evocação do passado de um povo e a contemplação dos monumentos que erigiu, constituem simples gozo para muitos, e só para alguns devoção. Somos dos ultimos, e sentimos por isso confranger-se-nos o coração ao sabermos que vae caminhando em progresso desolador o desmoronamento do castello de Evora-Monte.

Sem falar no norte do país, onde abundam os monumentos ligados á historia patria, já por lendas curiosissimas, já por factos sobejamente comprovados, e nos quaes ha muito que aprender em arte e historia sob os aspectos militar, religioso e heraldico, trataremos agora do castello de Evora-Monte (fig. 1.^a), padrão de quatro seculos de existencia, erecto ainda por mercê do acaso na provincia alemtejana.

*

Apaziguada a guerra, que durou seculos, entre christãos e muçulmanos, jazeu ainda por largos annos esquecida, no ermo dos seus montados, a villa de Evora-Monte até o dia 13 de Janeiro de 1344 (era de Cesar), em que *por mandado do mui nobre senhor D. Denis* foi começado aquelle castello, como se lê numa inscripção gravada sobre uma das portas das muralhas exteriores denominada do Freixo; todavia, parece que já a esse tempo ali existiam quaesquer fortificações;